

**A lírica da África subsaariana sob o olhar de duas poetisas de língua francesa / *The lyrical of subsaarian Africa written in female and french language***

*Luana Costa de Farias\**  
*Josilene Pinheiro-Mariz\*\**

**RESUMO**

Historicamente, no âmbito da literatura, a poesia sempre foi entendida como a arte da palavra na sua melhor manifestação. Paralelamente a essa concepção, sabe-se que a escrita literária parece ter sido, sempre, espaço reservado ao homem. Então, como a arte poética poderia ser produzida por mulheres? Nessa problemática ancora-se o nosso estudo, uma vez que buscamos apresentar uma visão, “à vol d’oiseau” da produção lírica feminina da África Subsaariana escrita em língua francesa. Nessa esteira, buscamos expor quali-quantitativamente a riqueza dessa produção poética feminina; e, então, desenvolvemos as nossas ponderações a partir da seguinte questão: em quais países da África subsaariana de língua francesa estaria a maior produção da poética feminina? Encontramos em Gorceix (2000), Gontard (2005), Doucey (2008; 2010; 2011) e Touraine (2007), as bases bibliográficas e teóricas que nos dão suporte para desenvolver tais reflexões. Portanto, neste artigo expomos o lugar da lírica feminina africana na África subsaariana, na contemporaneidade, a partir do olhar de duas poetisas; apresentamos o principal espaço de divulgação dessa poética e revelamos as temáticas mais recorrentes na produção lírica dessas poetisas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lírica feminina; África subsaariana; “Literatura francófona”.

**ABSTRACT**

*Historically, within the scope of literature, poetry has always been understood as the art of the word in its best manifestation. Parallel to this conception, it is known that literary writing seems to have always been a space reserved for man. So how could poetic art be produced by women? This problem is anchored in our study, since we seek to present a panorama of the female lyrical production of Sub-Saharan Africa written in French. In this treadmill, we attempt to quantitatively expose the richness of this female poetic production; and then we develop our considerations from the following question: in which countries of sub-Saharan Africa of French language would be the greatest production of female poetics? We found in Gorceix (2000), Gontard (2005), Doucey (2008; 2010; 2011) and Touraine (2007), the bibliographic and theoretical bases that support us to develop such reflections. Therefore, in this article we identify the quantitatively place of the African poet in sub-Saharan Africa, today; we present the main space for the dissemination of this poetry and reveal the most recurrent themes in the poetry production of these women poets.*

**KEYWORDS:** *Female lyrical; Sub-Saharan Africa; "Francophone Literature"*

**1 Introdução**

A presença da mulher em espaços marcadamente masculinos sempre foi uma

---

\* Aluna graduanda do curso de Letras Língua Portuguesa e Língua Francesa da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Brasil, [luanacdefarias@yahoo.com.br](mailto:luanacdefarias@yahoo.com.br)

\*\* Doutorado (2008) em Letras (Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo e Pós-Doutorado pela Universidade Paris 8 -Vincennes-Saint Denis (2013). Docente da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Brasil, [jmariz22@hotmail.com](mailto:jmariz22@hotmail.com)

realidade, haja vista que no decorrer da História, observa-se mesmo em uma visão panorâmica, que os espaços de destaque sempre foram destinados aos homens. Isso pode ser percebido em diversos setores da sociedade, sobretudo quando se trata de espaços de destaque intelectual, muito embora se saiba que desde a Antiguidade, as mulheres sempre estiveram presentes escrevendo a história. A primeira mulher reconhecida como matemática, Hipátia de Alexandria (370-415), a neoplatonista grega e filósofa, também foi professora de filosofia e de astronomia. Por que não citar também a italiana Catarina Sforza (1463-1509), Senhora de Ímola, intrépida na política e na vida amorosa; ou, ainda a poetisa francesa Louise Labé (1520-1566) e muitas outras que, somente nos nossos dias, têm sido reconhecidas.

No que concerne à Literatura, nesse domínio, a relação Mulher e literatura parece não ter havido muito diálogo ao longo dos séculos. Ao fazermos uma análise da posição da mulher no mundo literário, a veremos sempre em lugares menos favorecidos e ignorados, mesmo sendo mulheres que representam e preenchem espaços de grande valor na sociedade. Pode-se dizer que nos últimos anos, houve um significativo interesse pelo assunto, resultando em estudos e documentos que ratificam a importância da mulher nas mais diversas sociedades. Os estudos sociológicos, históricos e literários, dentre outros, apontam para o importante papel da mulher na construção das diversas sociedades, em todo o mundo, colocando-as não apenas como coadjuvantes, mas, como protagonistas da História e, sobretudo, de suas próprias histórias.

A partir dessa contextualização, buscamos analisar a lírica feminina produzida em língua francesa nos países da África subsaariana, considerando-se a região geograficamente localizada ao sul do maior deserto do planeta, o Saara. Observamos que não obstante a força masculina imperar em diversas sociedades africanas, parece existirem nesses espaços, mulheres que se levantam contra obstáculos impostos pelas circunstâncias sociais. Por esse prisma, verificamos que a literatura emerge desses locais como o lugar que dá voz às poetisas, sendo essa rica produção feminina um lugar de expressão. Ora, se no âmbito da literatura/poesia, o espaço destinado às mulheres ainda é bastante escasso em muitos países, sejam eles desenvolvidos ou em vias de desenvolvimento, o que dizer de países em que, tradicionalmente, a mulher não tem reconhecimento social ou é tida “simplesmente” como aquela que nasceu para dar continuidade à vida? É nesse contexto que o nosso estudo aporta, pois reiteramos que

ainda há uma reduzida representatividade feminina no mundo da literatura e, de modo muito especial, na poesia.

Assim, este estudo está centrado em dois eixos. Primeiramente, fazemos um mapeamento para identificar a poética feminina, “dita francófona” subsaariana e, então, efetuamos uma análise da produção, ressaltando a importância da poética em estudo para a nossa sociedade. A partir desses dados, verificamos, dentro da noção internacionalmente conhecida como “francofonia”, qual o lugar da poetisa da África subsaariana. Ainda identificamos quais países da África subsaariana concentram a maior produção dessa poética, para verificarmos os temas mais apreciados pelas poetisas contemporâneas.

Nosso estudo é quali-quantitativo, considerando-se o seu foco, enquanto natureza do fenômeno investigado e documental e bibliográfico (MOREIRA; CALEFE, 2008). Diante de sua característica, fizemos uma análise primeiramente quantitativa para, em um segundo momento, procedermos à análise qualitativa, em duas fases: identificação/recenseamento e uma análise mais atenta de dois poemas como exemplo da lírica em estudo. Em um primeiro momento, investigamos os elementos qualitativos que caracterizam uma obra como pertencente ao gênero poético, enfocando a voz da mulher africana subsaariana, tanto em sites especializados, como em outros espaços tais como catálogos de bibliotecas e blogs; para, na sequência, procedermos ao estudo de dois poemas que, sob a nossa ótica, seriam significativos enquanto representativos da voz da lírica feminina em países de língua francesa da África subsaariana, enfocando especialmente, a Costa do Marfim, país no qual há uma produção feminina mais expressiva em língua francesa.

A base de nossa investigação está centrada nas reflexões teóricas de Gorceix (2000) e Gontard (2005), que dão enfoque à literatura da África “dita francófona”, Doucey (2008; 2010; 2011), que nos apresenta antologias com poemas pertencentes às poetisas em estudo. Apoiamo-nos ainda em Touraine (2007), por dar enfoque ao lugar dado à mulher na sociedade em constante movimento; e, em Joubert (2001; 1997) e Allouache (2013), em cujas reflexões constituem-se em importante suporte para se pensar a noção de francofonia e a literatura nesse contexto.

## **2 O papel social da escritora africana**

Nos últimos anos, temos identificado estudos que se ocupam em dar enfoque à produção de escritoras africanas “ditas francófonas”<sup>1</sup> (JOUBERT, 2006). Sabe-se que a língua francesa não é utilizada apenas no Hexágono<sup>2</sup>; dado que é confirmado pela Organização Internacional da Francofonia (OIF, 2018), instituição em fundada em 1970, que atualiza anualmente dados relativos aos seus membros, contando hoje com: 84 Estados e Governos (dos quais, 26 observadores), repartidos pelos cinco continentes. Os números da OIF mostram que no continente africano, encontra-se o maior número de países francófonos, estimados em cerca de 55% de falantes, distribuídos em 31 países francófonos africanos, compondo em média 42% dos falantes francófonos que utilizam a língua francesa como língua oficial ou veicular (OIF, 2018).

A partir dessa realidade, pode-se refletir sobre a produção literária “francófona” desse continente, traçada por uma história de hegemonia masculina, como em toda história da literatura; mas, por certo, esse mesmo aspecto tem se constituído em uma fonte inesgotável para a expressão do pensamento da mulher escritora da África. Nesse espaço geográfico, pode-se identificar mulheres que emergem suas vozes na escrita, permitindo-nos assim, encontrar uma significativa produção literária em países da África subsaariana de língua francesa, mesmo sendo este um espaço predominantemente masculino e, por consequência, misógino. Levando-se em conta o considerável crescimento dessa produção rica e dinâmica, as escritoras africanas permitem uma abertura de possibilidades para se conhecer fatos imprescindíveis de observação. Nesse sentido, Ndiaye (2004) afirma que:

[...] présenter des faits marquants de l’histoire de cette critique de ces littératures en tenant compte de l’évolution des perspectives de la critique littéraire. Il s’agit en même temps de faire apparaître toute la richesse et le dynamisme de ces littératures dans un aperçu d’ensemble qui cherche à situer les œuvres par rapport à l’évolution de l’écriture littéraire au fil du temps et dans le cadre des principaux genres<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> As frequentes aspas em termos com “francófono” e “francofonia” se justificam pela enorme diversidade que envolve tal noção, uma vez que alcança todas as pessoas que têm em comum a língua francesa, seja como língua materna ou administrativa.

<sup>2</sup> O mapa da França tem o formato da figura geométrica hexágono; por essa razão, estudiosos da “francofonia” referem-se ao país como Hexágono, diferenciando-o de outros espaços/países em que a língua francesa está presente, em todos os continentes.

<sup>3</sup>[...] apresentar fatos marcantes da história dessa crítica dessas literaturas, levando-se em conta a evolução das perspectivas da crítica literária. Trata-se, ao mesmo tempo de revelar toda a riqueza e o dinamismo

Portanto, no âmbito das conjunturas sócio históricas vistas como fatores determinantes para a produção literária da poetisa africana, quase sempre a mulher é colocada em uma posição de submissão, tendo os seus sonhos e vontades sufocados por valores impostos por uma sociedade predominantemente machista. Tais escritoras têm, evidentemente, um importante papel social, pois, as suas manifestações literárias nos evidenciam o “tentar romper com os discursos sacralizados pela tradição, nos quais a mulher ocupa, à sua revelia, um lugar secundário em relação ao lugar ocupado pelo homem, marcado pela marginalidade, pela submissão e pela resignação.” (ZOLIN, 2009, p.218). Ainda segundo Zolin (2009), historicamente, as mulheres nunca ocuparam lugar de destaque na sociedade, haja vista que durante muitos séculos foram submetidas a papéis que as inferiorizavam, sendo destinadas às atividades unicamente domésticas, sem obterem as mesmas oportunidades que os homens, ou seja, excluídas da sociedade.

A partir desse cenário histórico-social, surgem ao longo dos anos, mais escritoras, que bradam em uma escrita, -intrinsecamente autêntica e gradativamente mais forte-, denúncias e reivindicações, ou através de seus personagens, nas narrativas, majoritariamente autobiográficas, ou mesmo em poemas e em outras manifestações literárias. Muitas mulheres sendo protagonistas de suas próprias histórias, trazem para nós, leitores, os seus vieses de enxergar o mundo, a partir de suas experiências, conduzindo-nos às reflexões de um modo mais crítico sobre as suas escolhas, bem como se constituem.

Assim, Cazenave (1996) afirma:

[...] Le contour du monde des femmes, montre ses “paradoxes”, et détaillés dans le choix des textes et des extraits d’auteurs francophones et anglophones, les étapes de l’écriture au féminin: des peines du mariage et de la prise de conscience de soi et “la venue à l’écriture” “ à l’apparition de “nouvelles écritures” qui montrent les “femmes en lutte” face aux “dérappages de la société”.<sup>4</sup> (CAZENAVE, 1996, p.12).

---

dessas literaturas em uma visão geral que busca situar as obras em relação à evolução da escrita literária ao longo do tempo e no contexto dos principais gêneros. (NDIAYE, 2004, p.5).

<sup>4</sup>[...] O contorno do mundo das mulheres mostra seus “paradoxos” e detalhados, na escolha de textos e excertos de autoras francófonas e anglófonas, as etapas da escrita no feminino: os sofrimentos do casamento e a tomada de consciência de si e “a vinda ao escrever” na aparição de “novos escritos” que mostram as “mulheres em luta” diante das “derrapagens da sociedade”. (CAZENAVE, 1996, p.12. aspas da autora).

Cazenave (1996) nos permite ampliar ainda mais essa realidade da escrita de mulheres, quando ancora as suas reflexões na África subsaariana, exemplificando com autoras francófonas e anglófonas, chamando-nos a atenção para essas realidades. No que diz respeito às autoras de língua inglesa, não são poucas, muito embora se tenha pouco conhecimento delas. Dentre as mais conhecidas com obras publicadas em diversos países, pode-se citar a nigeriana Buchi Emecheta, a queniana Warsan Shire ou ainda a zimbabuense Yvonne Vera, uma das vozes mais importantes da literatura anglófona, ao lado da também nigeriana Chimamanda Ngozi Adchie. Estas e outras autoras africanas hispanófonas, lusófonas, italoófonas e germanófonas nos levam, a partir de suas obras, a um mergulho na história dos seus países, enquanto nações saídas da colonização.

Atualmente, é inegável o compromisso social que as escritoras africanas manifestam em suas obras, abordando temáticas determinantes das vidas de milhares de mulheres, que em muitos casos, são afirmações em favor da emancipação feminina. Assim, Miampika (2002) destaca que a literatura feminina é peculiarmente proprietária de uma poética emancipatória do gênero, que reelabora a identidade feminina:

[...] La literatura femenina propone una poética emancipadora del género con el fin de reencuentro consigo misma (...) Dicha poética (re)elabora una nueva redefinición de la identidad femenina, y la necesidad de ser considerada como sujeto histórico en un contexto de violencia estructural y de modernidad inacabada.<sup>5</sup> (MIAMPIKA, 2002, p. 178).

Ao analisarmos cronologicamente o trajeto dessas escritoras, o número de publicações era, proporcionalmente, muito reduzido, quando comparado à quantidade de autores. Mesmo diante das muitas dificuldades, essas produções vêm ocupando um expressivo espaço no mundo literário, elencando dados essenciais, de uma maneira intrínseca e peculiar, sobretudo na poesia, conforme a poetisa africana escreve. Ressalte-se que esse apagamento da mulher na literatura não é, exatamente, uma peculiaridade do continente africano, haja vista que se trata de uma realidade que pode ser encontrada, ao longo da história, nas literaturas europeias e nas americanas, assim como no continente oceânico e asiático. Por certo, o fato de que na sociedade africana, a escola foi proibida

---

<sup>5</sup> [...] a literatura feminina propõe uma poética emancipatória do gênero com o objetivo de um encontro consigo mesma [...] Essa poética reelabora uma nova definição da identidade feminina e a necessidade de ser considerada como sujeito histórico em um contexto de violência estrutural e de modernidade inacabada. (MIAMPIKA, 2002, p. 178).

para as meninas, realidade que só foi mudada nos anos de 1970, fortaleceu essa situação, uma vez que muitas meninas não puderam ter acesso à educação antes desse período.

Pensando tanto na lírica, quanto na narrativa, é possível observar que é por intermédio da literatura que a escritora tem transformado o modo de ver e valorizado a imagem da mulher africana, criando mulheres fortes e protagonistas de suas próprias histórias, quebrando o silêncio no qual estiveram encarceradas por muito tempo, como afirma Mugo (1998):

[...] Las mujeres africanas escriben para romper el silencio en el que han estado sumidas tanto tiempo y para acceder a una parcela de poder ya que la escritura otorga poder a la vez que, mediante el acto social de escribir, la escritora pretende ser la voz que representa a todas las mujeres del continente.. (MUGO, 1998, p. 54)<sup>6</sup>

A partir desses dados, pode-se entender que, de modo mais prolongado que em outras realidades em continentes distintos, nesse contexto literário africano, as mulheres escritoras têm superado obstáculos que se iniciam desde cedo, na família e vão para além das fronteiras de seus países. Há de se destacar que, historicamente, dentre as grandes dificuldades vivenciadas desde as primeiras escritoras africanas, observa-se que continua presente a falta de acolhimento da crítica, bem como o espaço para publicação.

### **3 A produção lírica de poetisas da África subsaariana**

Não é novo afirmar que a presença de mulheres na literatura sempre foi marcada por preconceitos de gênero (de raça e de classe social também), diante da longa história de subalternização e inferiorização, fortemente marcada pelo patriarcalismo e por um tratamento marginalizante, ao longo do processo androcêntrico de construção das sociedades. Em um campo em que predominam valores tradicionais arraigados às práticas sociais e culturais, as escritoras produzem uma literatura particular, construída para vencer barreiras, denunciar e ultrapassar limites impostos pelo patriarcado. A partir dessa realidade, faz-se necessário ressaltar que existem escritoras na África francófona subsaariana, que através de suas histórias de vida, transformam o mundo da literatura.

---

<sup>6</sup> [...] as mulheres africanas escrevem para romper o silêncio no qual elas estiveram há tanto tempo e para ter acesso a uma parcela de poder, já que a escrita dá essa voz, através do ato social da escrita, a escritora pretende ser a voz que representa todas as mulheres do continente. (MUGO, 1998, p.54).

com as suas produções marcadas pela autodescoberta e pela busca de identidade em um espaço.

Considerando que o nosso estudo visa a identificar a produção lírica feminina da África francófona subsaariana, destacamos abaixo as poetisas, seus países de origem e suas obras já publicadas e veiculadas por livrarias especializadas. Evidentemente, o quadro abaixo não pretende ser único ou completo, uma vez que a cada dia, felizmente, novas escritoras estão vindo a público trazer sua literatura. O quadro 1, portanto, apresenta tão somente um quantitativo de escritoras que já conseguiram um espaço significativo de publicação e respeito do público leitor.

QUADRO 1: Poetisas da África subsaariana, de língua francesa, publicadas em formato impresso

<b>POETISA</b>	<b>ORIGEM</b>	<b>OBRAS</b>
Amina Sow Mbaye (1937)	Saint-Louis, Senegal	<i>Petit essai sur la vieillesse</i> suivie de <i>Les Bulles</i> . Saint-Louis du Sénégal: Chez l'auteur, 2007.
Angèle Bassolé-Ouédraogo (1967)	Abidjan, Costa do Marfim	<i>Burkina Blues</i> . Québec: Humanitas, 2000
Bernadette Sanou Dao (1952)	Bamako, Mali	"Emeraudes" dans <i>Poésie pour enfants</i> Ouagadougou : Ministère de la Culture. Imprimerie Presses Africaines, 1986
Clementine Faik Nzuji Madiya (1944)	Tshofa, República do Congo	<i>Le temps des amants</i> , Kinshasa: Editions Mandore, 1969.
Emilie Flore Faignond (1948)	Kinshasa, República Democrática do Congo	<i>Méandres</i> , Kinshasa, Saint-Paul (imprimerie Saint-Paul), 1995.
Elisabeth Françoise Tol'ande Mweya (1947)	Kinshasa, República Democrática do Congo	<i>Remous de feuilles</i> . Kinshasa: éditions du Mont noir, 1970
Esther Nirina (1932)	Central Highlands, Madagascar	<i>Rien que lune: Oeuvres poétiques</i> , 1998
Fama Diagne Sène (1969)	Thiès, Senegal	<i>Humanité</i> . Editions Maguilen et Editions Damel, Dakar et Genève, n.d. [2002]
Fatoumata Keïta (1977)	Baguinéda, Mali	<i>À toutes les muses</i> , édité par Mandé Éditions
Fatou Ndiaye Sow (1956)	Tivaouane, Senegal	<i>Fleurs du Sahel</i> , Dakar, Les Nouvelles Éditions Africaines du Sénégal, 1990.
Gaël Kone (1976)	Burkina Faso, África Ocidental	<i>Poussière de mots et d'images</i> . Ouagadougou: Découvertes du Bukina/ Editions GTI [Graphic Technic



		International], 2000. (133p.).
Germaine Kouméalo Anaté (1968)	Kazaboua-Sotouboua, Togo	<i>L'écrit du silence, poésie</i> , Marseille, Les Belles Pages, 2006
Ghislaine Sathoud (1969)	Point-Noire, República do Congo	<i>Pleurs du cœur</i> , Paris, Éditions Expédit, 1995
Koumanthio Diallo (1956)	Labé, Guiné	<i>Comme les Pétales du Crépuscule</i> . Lomé: Editions La Semeuse-Togo, n.d. [Nouvelle édition en 2000, Castel Edition]
Marie-Leontine Tsibinda (1958)	Girard, República do Congo	<i>Moi, Congo ou les rêveurs de la souveraineté</i> . Jouy-Le-Moutier (France), Bajag-Meri, 2000,
Nadège Noële Ango- Obiang (1973)	Libreville, Gabão	<i>Les chants ultimes des naufragés</i>
Nafissatou Dia Diouf (1973)	Dakar, Senegal	<i>Primeur, poèmes de jeunesse (poésie)</i> , Ed Le nègre international, 2003
Ndèye Coumba Mbengue Diakhaté (1924)	Rufisque, Senegal	<i>Filles du soleil: poèmes (em francês)</i> . [S.l.]: Nouvelles Editions africaines. 1 de janeiro de 1980
Sokhna Benga (1967)	Dakar, Senegal	<i>La ronde des secrets perdus</i> , Éditions Maguilen, 2003
Tanella Boni (1954)	Abidjan, Costa do Marfim	Il n'y a pas de parole heureuse, ill. Jacques Barthélémy, éditions Le Bruit des autres, 1997
Werewere Liking (1950)	Douala, África Central	<i>On ne raisonne pas avec le venin</i> . Paris: Saint-Germain- des-Prés, 1977.

FONTE: Quadro elaborado pelas autoras para este artigo.

Neste quadro, é possível perceber a intensidade da produção lírica feminina francófona; mas, também, entendemos que essa viva produção ressalta ainda mais que esse cenário precisa ser mais visibilizado, posto que muito embora existam poetisas de renome internacional, tais como Tanella Boni, Werewere Liking, Nafissatou Dia Diouf, Angèle Bassolé-Ouédraogo e Clementine Faik Nzují Madiya, dentre muitas outras, -que destacamos no quadro abaixo-, nenhuma dessas autoras teve sua poética traduzida para o leitor de língua portuguesa. Sinalamos esse fato, por se tratar de um elemento que valoriza e demonstra o interesse do leitor brasileiro pela literatura, limitando, portanto, a divulgação da obra e impedindo que milhões de leitores conheçam essa lírica.

Dentre as poetisas identificadas neste estudo, destacamos abaixo aquelas que já obtiveram reconhecimento com prêmios literários. O nosso intento, com este critério de

escolha, é ratificar que de um modo geral, os prêmios literários configuram-se em um reconhecimento da obra do autor, o que pode apontar para a qualidade da lírica dessas poetisas. Assim, no quadro abaixo, apresentamos as poetisas que já receberam premiação por sua produção.

Cabe questionar se os prêmios realmente avaliam a qualidade poética. Não poderiam os prêmios acabarem refletindo a mesma visão androcêntrica da sociedade em geral? O fato é que a premiação é, de certa forma, um resultado de leituras.

QUADRO 2: Poetisas da África subsaariana que receberam premiações

POETISA	ORIGEM	RECONHECIMENTO
Bernadette Sanou Dao (1952)	Bamako, Mali	1er Prix de poésie pour enfants, Bobo (1986)
Elisabeth Françoise Tol'ande Mweya (1947)	Kinshasa, República Democrática do Congo	Le Prix de poésie Sébastien Ngonso en 1967 et le Premier Prix de poésie Mobutu Sese Seko en 1972
Ghislaine Sathoud (1969)	Point-Noire, República do Congo	Nomination au Gala de Reconnaissance Communautaire (GRC), catégorie « encouragement littéraire ». (2001) Lauréate des prix littéraires Naji Naaman, « Prix de la créativité ». (2008)
Koumanthio Diallo (1956)	Labé, Guiné	1er Prix de poésie pular (1990)
Nadège Noële Ango-Obiang (1973)	Libreville, Gabão	Grand prix de la poésie (2000)
Tanella Boni (1954)	Abidjan, Costa do Marfim	Prix Ahmadou-Kourouma (2005) Prix international de poésie Antonio Vicarro (2009)
Werewere Liking (1950)	Douala, África Central	Le Prix Noma (2005)

FONTE: Quadro elaborado pelas autoras para este artigo.

A partir desta rica produção, selecionamos dois poemas que, sob a nossa ótica, representam a voz da poetisa “francófona” africana. Assim, *escolhemos Surimpression [Impressão sobreposta]*, de Tanella Boni e *Lianes [Cipós]*, de Clementine Faik Nzuji Madiya, que são dois importantes nomes do mundo literário francófono. Tanella Boni, nascida em primeiro de janeiro de 1964, em Abidjan, na Costa do Marfim, é uma das maiores referências da poética de língua francesa, na contemporaneidade. Ela é poetisa, filósofa, romancista, crítica literária e crítica de arte. Em seus escritos, dedica-se ao

compartilhamento de conhecimentos, à defesa dos direitos humanos, à convivência, à ideia de humanidade e ao cotidiano das mulheres. Tais obras refletem uma infinidade de sentidos, que nos levam à meditação sobre o lugar da mulher na sociedade.

Clementine Faik Nzuji Madiya nasceu no dia 21 de janeiro, de 1944, em Tshofa, na República do Congo, é uma das maiores escritoras do universo da literatura francófona. Seu amor pela poesia a conduz ao recebimento do prêmio Léopold Sédar Senghor, no Festival de Poesia de Dakar, em 1969. Ela é poetisa, escritora e filóloga africana, fez importantes contribuições para os estudos da língua banto e da literatura oral.

#### **4 Tanella Boni e Clementine Faik Nzuji Madiya: um convite ao belo da poética feminina**

O poema selecionado de Tanella Boni é o supracitado *Surimpression*, que foi publicado em 1984, na Antologia poética *Labyrinthe*, (Éditions Akpagnon). O poema parece nos convidar a apreciar as suas características, nos conduzindo a uma leitura a partir de um olhar crítico, destacando-se a sua beleza lírica:

<i>POEMA</i>	<i>VERSÃO<sup>7</sup></i>
<i>Surimpression</i>	<i>Impressão sobreposta</i>
<i>Une boule de cristal</i>	Uma bola de cristal
<i>Sur un lit de montagens</i>	Sobre um leito de montanhas
<i>Je rêve debout</i>	Eu sonho em pé
<i>Mais je crois avoir des ailes</i>	Mas acredito ter asas
<i>Dans ce labyrinthe où</i>	Neste labirinto no qual
<i>Nul ne croit en rien</i>	Ninguém acredita em nada
<i>Dans cette poubelle où</i>	Nesta lixeira onde
<i>S'entassent des ordures malodorantes</i>	Amontoam-se detritos malcheirosos
<i>Ce lieu sans foi ni loi</i>	Esse lugar sem fé nem lei
<i>Lieu de l'instinct et du verbe vide</i>	Lugar do instinto e do verbo vazio
<i>Qui va à la derive</i>	Que vai à deriva
<i>Sans foi ni loi</i>	Sem fé nem lei
<i>Une boule de cristal</i>	Uma bola de cristal
<i>Sur un lit de montagens</i>	Sobre um leito de montanhas
<i>Le promeneur solitaire est toujours</i>	O caminhante solitário é sempre
<i>La risée de la foule</i>	A risada da multidão

Tanella Boni (*Anthologie de la poésie d'Afrique noire d'expression française*, MATEO, 1986, p. 98)

<sup>7</sup> Optamos pela utilização desse termo, por ser uma interpretação de uma língua para outra semelhante ao original e não, exatamente, uma tradução poética.

O poema permite a leitura de um sutil convite para se colocar em um lugar que parece estar banhado pela desilusão. Logo no início, o eu-lírico aponta um labirinto no qual ninguém acredita em nada, imerso pela descrença, perdido de seus próprios sonhos e convicções e de seu encantamento pelo futuro, não sabendo o que esperar de um futuro incerto. Pode-se, nesse caso, resgatar na memória, a presença da colonização na história do povo africano; ou seja, conhecendo a história, o leitor pode vislumbrar a manifestação contra ao que foi imposto ao povo africano pelo colonialismo. O eu-lírico aponta para a privação da liberdade, atravessada pelo sofrimento e pela luta, como se o povo fosse tão somente destinado a viver uma inexplicável solidão, andando à deriva e sem rumo pela vida, o que torna marcante no poema, pois, esse eu-lírico o retrata com fortes elementos.

Deparamo-nos com a sensação de um ar pesado e asfixiante ao se ler que no espaço de possível esperança “*S'entassent des ordures malodorantes*” retratado pelos detritos que se amontoam nas lixeiras malcheirosas, o que pode se configurar em uma denúncia contra o descaso e abandono de uma cidade ou de um povo, trazendo à tona as condições de vida do povo.

No poema, é possível ainda se notar um toque que parece encantador e pleno de esperança que se revela quando o eu-lírico afirma: *Je rêve debout/ Mais je crois avoir des ailes*, uma vez que quando se sonha, embora em pé [acordado], acreditando-se ter asas, mesmo sendo rasgado pelas decepções, ainda assim, pode-se refletir sobre a esperança; que é possível sonhar, pois com asas, como Ícaro, é possível ir além.

Em um misto de angústia, desengano e esperança, identificamos algumas das temáticas mais recorrentes na lírica em estudo. Além dessas, ainda podemos perceber a aflição, a resistência, sem esquecer que a questão da religião também ecoa nessa poética, pois em alguns países dessa região do continente, o lugar da mulher na sociedade tem uma estreita relação com o Alcorão. *Surimpression* nos alerta para enxergarmos as entrelinhas; isto é, o não dito, aquilo que está implícito no poema, haja vista a literatura constituir-se também da cultura de um povo, trazendo com ela, um importante contexto sócio histórico e cultural.

Já o poema *Lianes [Cipós]*, de Clementine Faik Nzuji Madiya resulta de um cruzamento de várias fontes de inspiração, nas quais a poetisa se baseia, tais como as emoções mais profundas e sinceras, onde triunfam a imagem da mulher, amante, mãe e

esposa. Clementine Faik Nzuji Madiya, em grande parte de produção, utiliza elementos que impactam e encantam o leitor, revelando, por vezes, uma trajetória de vida do povo africano, chamando-nos a atenção para fatos tidos como de pouca importância.

O poema selecionado neste estudo foi publicado na antologia poética *Lianes*, em 1971, pelas *Éditions du Mont Noir* e traz um misto que combina tons de melancolia e suavidade:

POEMA	VERSÃO <sup>8</sup>
<i>Lianes</i>	<i>Cipós</i>
<i>A la chute des feuilles</i>	Na queda das folhas
<i>j'avoue ma crainte</i>	eu confesso meu medo
<i>De voir cette Mort</i>	De ver esta Morte
<i>qui déshabille les arbres</i>	que despe as árvores
<i>Le bruit des feuilles qui tombent</i>	O barulho das folhas que caem
<i>s'accordent aux cadences de mon coeur</i>	Harmonizam-se às cadências do meu coração
<i>Car les pas inattendus de l'Innommable</i>	Porque os passos inesperados do Indizível
<i>précédent aussi mes gestes</i>	precedem também meus gestos
<i>Que l'on me pleure déjà</i>	Que já me chorem
<i>dis-je</i>	Digo
<i>je suis plus morte que vive.</i>	estou mais morta do que viva.

Clementine Faik Nzuji Madiya (*Anthologie de la poésie d'Afrique noire d'expression française*, 1986, p.191)

O poema retrata, desde o início, o contraste entre a vida e a morte, de forma serena, levando-nos à leitura da “Morte” como um processo natural do ciclo da vida, mas que, certamente, causa assombro. Compara-se o som das folhas caindo, à cadência, *s'accordent aux cadences de mon cœur* ou seja, à cadência, causando os desalentos do coração. Nos versos seguintes, o eu-lírico apresenta de modo subjetivo que suas ações se assemelham ao indizível, o inesperado que assola e causa temor, despertando um sentimento de inquietude e certeza, que logo no final, se diz já está chorando, ou sem demora, mais morta do que viva.

Entrando um pouco mais no poema, faz-se uma ponte com a história de vida das mulheres da África subsaariana. Parece-nos haver uma ligação muito forte a cada verso escrito, com pensamentos de mulheres que viveram momentos de escravidão, desolação e tristeza. Evidentemente, essa ligação é trazida desde o título, com *Lianes*, que são tão próximos, misturados, juntos que traduzem essa forte ligação. Tanto *em Surimpression*,

<sup>8</sup> Optamos por esse termo, por ser uma interpretação de uma língua para a outra semelhante ao original e não, exatamente, uma tradução poética.

quanto em *Les lianes*, o tom estético da lírica dessas poetisas é indiscutível; o belo está presente nos versos que misturam sentimentos que contrastam como morte e vida.

Esses dois poemas apenas representam a força da lírica dessas mulheres que conseguem romper um espaço que, historicamente, é masculino. Outrossim, é preciso dizer que elas escrevem em um espaço em que a mulher, ainda nos dias de hoje, não tem reconhecimento. Os muitos outros poemas aqui apresentados (cf. Quadro 1) também guardam uma lírica sublime e firme, ressaltando a impactante poética dessas mulheres.

## **Conclusão**

Ao longo destas reflexões, destacamos a importante produção das poetisas da África subsaariana escrita em língua francesa, lembrando que elas escrevem em um espaço em que é predominantemente masculino. A produção dessas escritoras ratifica o importante movimento contemporâneo que luta pelo lugar da mulher na sociedade, além de pensar no necessário empoderamento feminino.

Considerando essa realidade, entendemos serem necessárias pesquisas que façam sobressair a voz da poética feminina, há anos, silenciada. Portanto, buscamos revelar as poetisas africanas de língua francesa, uma vez que essa poética é imensamente marcante na contemporaneidade. Neste artigo, também revelamos, a partir da poética, o desafio de mulheres se autodeclararem escritoras, somando-se à posição que o mercado literário lhes atribui. No entanto, ser mulher e escritora é uma tarefa maior, haja vista que o processo de apagamento das vozes dessas mulheres, cujas marcas de raça e gênero que trazem, mostram como representam um diferencial para o cânone literário e para cultura marcada pelo patriarcalismo e etnocentrismo.

Podemos observar que a mulher escritora subsaariana continua na luta de seu espaço, construindo gradativamente o seu posicionamento diante de desafios cotidianos e no espaço da literatura, tendo assim, a oportunidade de avançarem e moldarem a realidade em que vivem. A partir deste estudo, percebemos avanços nesse meio literário, porém, mesmo realizando grandes conquistas, ainda há um longo caminho a ser percorrido por essas poetisas.

É necessário que se destaque que os espaços nos quais estão divulgadas estas produções ainda é de acesso restrito à língua francesa, sendo, na sua maioria, os espaços

virtuais, como blogs e sites. Nesses espaços, percebemos quão vasto é o mundo literário de autoria feminina e quanto essas obras deveriam ser mais divulgadas e reconhecidas, com o intuito de dar mais visibilidade e valor a essas poetisas da África francófona subsaariana. Atendendo a um de nossos objetivos, destacamos que a Costa do Marfim é o país em que há uma maior produção da poética feminina, juntamente com outros países como o Benin e o Gongo (Brazzaville). Não podemos deixar de citar aqui que essas mulheres assumem um posicionamento de convicção, trazendo à tona a expressão do “eu” plenos de sensibilidade e identidade, ou seja, manifestam e assumem uma nova representação de seus lugares na vida social, mesmo essa vida sendo atravessada por diversos fatores de uma sociedade arraigada em suas tradições e crenças.

As temáticas originárias das experiências cotidianas, do contexto histórico e social do continente africano, das lutas e das vivências no ambiente familiar e da mulher como um ser ativo e pensante inserida na sociedade contemporânea constituem-se, por certo, como as principais temáticas das escritoras. Toda a lírica resultante dessa realidade reflete uma importante produção que dá voz à mulher africana e pode ser entendida como a voz de mulheres pelo mundo.

## REFERÊNCIAS

- AHAECHLER, Jean. *Les insoumises*. 18 portraits de femmes exceptionnelles, de l'Antiquité à nos jours. Paris : Nouveaux Mondes Éditions. 2018.
- ALLOUACHE, Ferroudja. *Littérature francophone et Institution scolaire*. Master 2. Université Paris 8. Paris, 2010.
- BONI. Tanella. *Là où il fait si clair en moi*. Éditions Bruno Doucey. Paris. 2017.
- CAZENAVE, Odile. *Femmes rebelles: Naissance d'un nouveau roman africain au féminin*. L'Harmattan, Paris, 1996.
- DOUCEY, Bruno. *Ouremer – Trois océans en poésie* (en collaboration avec Christian Poslaniec), Éditions Bruno Doucey, 2011.
- DOUCEY, Bruno. *Terre de femmes – 150 ans de poésie féminine en Haïti* (en collaboration avec Marie-Laurence Jocelyn Lassègue et Johanna Péliissier), Éditions Bruno Doucey, 2010.
- DOUCEY, Bruno. *Poésies de langue française* (en collaboration avec Stéphane Bataillon et Sylvestre Clancier), 144 poètes d'aujourd'hui autour du monde, Paris: Seghers, 2008.
- DOUCEY, Bruno ; NIMROD ; POSLANIEC, Christian. *120 nuances d'Afrique*. Éditions Bruno Doucey. Paris. 2017.

- GONTARD, Marc. *Le récit féminin au Maroc*. Presses Universitaires de Rennes: Rennes, 2005.
- GORCEIX, Paul. *Littérature francophone de Belgique et de Suisse*. Ellipses Éditions: Paris, 2000.
- JOUBERT, Jean-Luis. *Littérature Francophone Anthologie*. Groupe de la Cité international Création-Diffusion. Nathan. Paris, 1992.
- JOUBERT, Jean-Luis. *Petit guide des littératures francophones*. Nathan. Paris, 2006.
- LIHAMBA, Amandina; MOYO Fulata L.; MULOKOZI, M.M. et SHITEMI, Naomi L. *Des femmes écrivent l'Afrique - L'Afrique de l'Est*. Karthala. Paris, 2010.
- MOREIRA, Herivelton; CALEFFE, Luis. G. *Metodologia científica para o professor pesquisador* – 2. ed. – Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- MATESO, E. Locha. *Anthologie de la poésie d'Afrique noire d'expression française*. Hatier, Paris, 1986.
- MIAMPIKA, Landry-Wilfrid. *Autobiografias ficticias: identidades y subversiones femininas en el África negra*. In: *Las mujeres en el África subshariana: antropología, literatura, arte y medicina*. Coords. Aurelia Martín, Casilda Valesco y Fernanda García. Barcelona: Ediciones del Bronce, 2002. 162-182.
- MOURA, Jean-Luc. *Littératures francophones et théorie postcoloniale*. Paris: PUF, 1999/ 2007.
- MUGO, Mirece. *Literatura, Feminism and the African Woman Today. Challenging Hierarchies*. *Issues and Themes in Colonial and Postcolonial African Literature*. Leonard A. Podis and Yakubu Soaka ed. New York: Peter Lang Ed, 1998
- NDIAYE, Christiane. *Introduction aux littéraires francophones*. Presses de l'Université de Montréal : Québec, 2004.
- OIF - Organização Internacional da Francofonia. *A língua francesa no mundo*. p. 6., Paris: Éditions Nathan, 2014. Disponível em: [http://www.francophonie.org/IMG/pdf/oif\\_synthese\\_portugais\\_001-024.pdf](http://www.francophonie.org/IMG/pdf/oif_synthese_portugais_001-024.pdf). Acesso em: 18 de Junho de 2018.
- RUIZ, Bibian Pérez. *Mirar al mundo con ojos nuevos: escritoras africanas*. Fundación Sur, Department Africa, 2008.
- TOURAINÉ, Alain. *O Mundo Das Mulheres*. São Paulo: Ed. Vozes, 2007
- ZOLIN, Lúcia Osana. *Critica feminista*. In \_\_\_\_ Teoria literária abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3.ed.rev.ampl. Maringá: Eduem, 2009, p. 217-242.

Data de recebimento: 04/12/2018

Data de aceite: 12/12/2018